

LEITE, UMA BOA OPORTUNIDADE

*** Roberto Rodrigues**

O setor leiteiro está vivendo um momento de grande mudança no mundo todo. O segmento industrial está se concentrando, e empresas cada vez mais poderosas estão sendo constituídas. Faz sentido porque um dos pontos-chaves para a rentabilidade desta cadeia produtiva é escala: o lucro por unidade é insignificante, quando existe, de modo que só com volumes bastante altos se pode progredir.

Mas faz sentido também pelo horizonte futuro do consumo de leite e de seus derivados. Nos últimos 25 anos, o consumo brasileiro per capita/ano de leite subiu de 90 litros para quase 140. E no mundo a tendência é a mesma. Tal fato se deve basicamente ao aumento da renda dos consumidores de países emergentes, puxando o aumento da produção. Alguns estudiosos acreditam que 2008 seja o último ano de equilíbrio entre a oferta e a produção de leite no mundo, com um número em torno de 680 bilhões de litros. E que, por volta de 2014, mantidos os atuais padrões de tecnologia e produtividade, poderá haver um déficit global da ordem de 30 bilhões de litros.

É claro que isto não acontecerá, porque os produtores, animados com a perspectiva de melhor remuneração, investirão em tecnologias, melhoria de raças, alimentação e manejo, tirando mais leite por animal e por hectare de forma competitiva.

No entanto, há limites para este crescimento em algumas áreas produtivas. Nos Estados Unidos, maior produtor mundial (com 80 bilhões de litros anuais), o aumento da produtividade só ocorrerá com custos muito elevados, enquanto os enormes subsídios recebidos pelos seus produtores vêm sendo questionados pela sociedade e discutidos na rodada de Doha, da OMC. O tema dos subsídios também ameaça os europeus, enquanto neozelandeses (grandes exportadores) e australianos estão limitados pela terra disponível e por questões ambientais, inclusive disponibilidade de água.

O Brasil tem, neste cenário, uma grande oportunidade. E de fato, vem crescendo a produção láctea no país. Nos últimos 10 anos, saltou de 18,6 bilhões de litros para mais de 27 bilhões. Em 1997, importamos mais de 2 bilhões de litros para atender à demanda interna, sem exportar um único litro. E, já em 2006, exportamos mais do que importamos, pela primeira vez, invertendo a balança comercial.

Atualmente, nossa produtividade ainda é muito baixa: só 1% das fazendas brasileiras conseguem uma produtividade superior a 10 litros por vaca por dia. Embora isto represente 29% de toda a produção nacional, estamos muito longe dos produtores da Nova Zelândia, Canadá, Dinamarca e Holanda, cujas médias superam 30 litros.

E 94% das nossas fazendas, representando 32% da produção total do país estão abaixo de 5 litros/vaca/dia. É muito pouco.

Mas tem um lado positivo: podemos crescer em produtividade, usando novas tecnologias que estão disponíveis nos centros de pesquisa e

universidades, melhorar a gestão das fazendas, agregar valor à matéria prima através das cooperativas e de indústrias modernas já existentes.

Mas há outros temas para enfrentar.

O primeiro é o da informalidade. Não é mais possível, no interesse da sanidade pública, manter um grau tão alto, da ordem de 34%. E isto leva à rastreabilidade do produto, como um grande desafio operacional. Quando o Brasil for um importante player mundial no setor – e será – a certificação vai ser exigência tão forte quanto à que a UE faz hoje com a carne.

Na área de sustentabilidade há também um desafio formidável. Neste capítulo está o tema do meio ambiente, com atenção para o uso da água, especialmente no tratamento de efluentes e resíduos; e o destino das embalagens usadas precisa ser normatizada.

A questão sanitária é igualmente fundamental, com ênfase para a perfeita sanidade dos animais, que devem ser livres de doenças como a brucelose, a tuberculose, a raiva, a toxoplasmose e a própria aftosa.

Mas não é só aí que a sanidade é importante.

O mercado não deve aceitar produtos de leite que tenham resíduos químicos ou contaminantes que representam riscos a saúde humana, assim como de antibióticos e pesticidas.

Em resumo, a qualidade da matéria prima é absolutamente essencial para a conquista de mercados externos e consolidação do interno.

Estamos no bom caminho, e não podemos perder esta boa oportunidade. Nossos produtores estão modernizando sua atividade com grande competência e visão do futuro. Isso garantirá ao Brasil avanços importantes no promissor mercado lácteo mundial.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**